

10. DARWIM, Brandão. Canudos cidade condenada. *O cruzeiro*, 14.02.53. Audálio Dantas, na mesma revista, publicou a matéria "A nova guerra de Canudos", em 05.12.64.
11. DANTAS, Audálio. A nova guerra de Canudos. *O Cruzeiro*, 05.12.1964.
12. TAVARES, Odorico. Obr. Cit.
13. MONTENEGRO, Abelardo. *Antônio Conselheiro*. Fortaleza: A Batista Fontenele, 1954.
14. NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1978 (Col. Brasileira, vol. 355).
15. MACEDO, Nertan. Memorial de Vilanova. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: 1964.
16. DANTAS, Paulo. *O Capitão Jagunço*. 3. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
17. MEIHY, José Carlos S. Bour. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
18. idem
19. MONIZ, Edmundo. *Canudos: A Guerra Social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1987.
20. Patativa do Assaré (poesia mimeografada). *Espinho e Fulô*. Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto. Imprensa Oficial do Ceará, 1988.

## "TODA NAÇÃO EM CANUDOS" 1893 - 1897<sup>1</sup>

*Índios em Canudos (Memória e tradição oral da participação dos Kiriri e Kaimbé na guerra de Canudos)*

Maria Lucia F. Mascarenhas  
Antropóloga

Foi o "contar" dos velhos índios Kiriri que me abriu os olhos para o acontecido em Canudos e a relevância desses eventos para a vida da região e para os povos indígenas Kiriri<sup>2</sup> e Kaimbé<sup>3</sup>. A história Kiriri é dividida no contar dos mais velhos, em "antes" e "depois" de Canudos. Evidencia-se Canudos como marco importante. Kiriri foi "jagunço", atirou, cantou, rezou, matou, lutou, morreu, fugiu, sobreviveu e conta. Em contrapartida, Kaimbé pouco fala por si mesmo que lutou, morreu, matou e sobreviveu. Isto é, quando se pergunta sobre o fato eles chegam ao ponto de dizer: "ninguém pode provar que índio Kaimbé foi jagunço". Esses dois povos, embora vizinhos, vivenciaram essa experiência, de modo consideravelmente diferente um do outro. Mirandela e Massacará eram importantes pontos de passagem para Canudos, um evento que marcou foi que por lá passaram as "toras" de madeira do Baixão (abaixo de Mirandela), para a construção da Igreja nova em Canudos.

A fragmentação da memória dos índios sobre Canudos esta ligada a fenômenos de dominação e repressão pelos quais os mesmos passaram. A memória que se tem trabalhado está mais ligada à clivagem processada pela memória oficial dominante. Deste modo, as lembranças das pessoas pertencentes a povos e grupos sociais que vivenciaram esse

<sup>1</sup> Parte do texto de Monografia Bacharelado em Antropologia intitulada: Rio de sangue e ribanceira de corpos: 1893-1897 - Kiriri e Kaimbé em Canudos. Salvador: UFB, 1995.

episódio foram, propositalmente, ignoradas e banidas. Um certo tipo de "história" tentou invadir a memória destes e dar sua versão em contraste com o sonhado, almejado, sentido e sofrido pelos próprios participantes de Canudos. O que dificulta a tentativa de reconstruir os significados que a vida em Canudos tinha para os próprios participantes. Aqui, o interesse está no que os índios "escolheram" para se perpetuar na história, na estampa do tecido CANUDOS, de volta ao tear, fios, por enquanto, dos índios Kiriri e Kaimbé.

As referências de velhos não-índios sobre o acontecido em relação à participação dos índios que habitavam na região, reforça essa presença. Vale notar que na literatura sobre o assunto somente algumas poucas referências e raras citações, apontam para a participação dos índios em Canudos. Nasser e Nasser (1973), são os primeiros pesquisadores que rastreiam documentos históricos que vão de 1874 a 1898, um período de 24 anos, ao final concluindo que "...há boa margem de veracidade na participação do elemento indígena no histórico episódio de Canudos". Ainda considerando aqui a afirmação de Pollak de (1987) que: "...não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral...", meu propósito é, à partir da tradição oral - depois de decorridos cem anos -, trazer o que ficou na memória de 1893 a 1897, dos acontecimentos que são conhecidos como "Canudos", "ato de Canudos" "audiência do fogo" e, particularmente, a "Guerra de Canudos", isto é o que a memória dos índios Kiriri e Kaimbé guardaram porque é significativa para um melhor entendimento do processo de conformação dos grupos indígenas atingidos por Canudos. Faço referências também, de acordo com memória de velhos não-índios sobre a presença dos índios Tuxá de Rodelas e dos índios de Natuba.

**Dos Kiriri, os Troncos Velhos** - que foram para Canudos: Renildo; Vicente; Arnaldo, "Bom Caboclo"; Zé Pedro; Alpidio, tio de Zacarias; A mãe de Dona Mariquinha; Pedro Miguel, "Jagunço Bom", pai de Seu Genesio e avô de Fiel; Zabezona, "cabocla valente", ajudou Jagunço a sair de Canudos; Leodoro, foi baleado com 13 anos. E avô do cacique Lázaro; Severino; Júlio; João Batista, pai de Seu Zé de Amélia; Martinha, tia de Seu Zé de Amélia; João Panta; Gualberto, pai de seu

João do Sacão, Josefa, mãe de Dona Joana de Seu Evaristo; Maria Gorda, foi baleada; Polinha, Chiquinha; João de Pedrinho, parente de Seu Fausto; Maria Francisca, parente de Seu Fausto; Zé Ferreira; Antônio Fogueteiro, "Jagunço Bom", foi "mandão" em Canudos; José Mancin, "Jagunço brabo" e outros;

**Naquele tempo**, os Kiriri estavam no Sacão, Lagoa Grande, Picos e outros cantos. Tinham suas casinhas. A vida dos índios era nas roças, trabalhando, caçando e cuidando dos bichos: galinha, porco etc.

**Antônio Conselheiro e ida para Canudos** - passa Antônio Conselheiro e o que ele fala é bom. Da conselho ao povo. Chamavam meu Bom Jesus. Ele era "choquinho, franzinho e barbado". Ele passou pelo Baixão reunindo "tudo quanto foi gente". O povo dizia: "ai vamo, que eu num fico aqui", "iam para Canudos". Levavam as crianças e deixavam as terras, galinhas tudo. Do Sacão e dos Picos não restou ninguém. Os mais velhos foram, porque pela "experiência dos sabidos", no saber indígena, o Senhor da Ascensão estava só na semelhança e convidou o pessoal para ir onde estava o aperto da guerra. Na Lagoa Grande, quando ele passou, falou de sua missão" que seria para o bem de todos e chamou os índios. Correu a notícia, "nóis vamo, nós vamo" lá tinha um rio de leite, os mortos, os barrancos e as ribanceiras eram de cuscuz para encher a barriga

Na Monarquia, era a doutrina de Deus. Era "Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo e Para Sempre Seja Louvado". Deus no céu, rei na terra. Chega a lei da republica, mulher encurta o vestido, corta cabelo, gente furando os olhos do povo, desmanchando o que Deus fez. Lei de "judiaria" - as Tabelas. Antônio Conselheiro se revolta fica contra esta lei (pois judiava do povo) e quebra a tabela em Natuba. Na sua doutrina, o povo com confiança se junta e faz acampamento em Canudos. A lei do rei era a monarquia, a lei do governo, republica. A república recebe o Sertão com sangue no joelho.

**Tudo na santa alegria** - Na região do "acampamento", o terreno e vermelho, não tem mata, é deserto. Tinha o rio, "terra de muita

pedra de fogo". Madeira não tinha. "Era o limpão". Começaram a construção da igreja. Precisavam de madeira e na região não tinha. Os índios mais velhos ali presentes conheciam o Sinhozinho do Bendó<sup>4</sup>. E sabiam que naquela região tinha madeira que daria para a construção da igreja. Antônio Fogueteiro, "caboclo terrível", um dos cabeças em Canudos, como também conhecedor da propriedade do Sinhozinho do Bendó, propôs a Antônio Conselheiro ir ao Bendó pedir a Senhozinho para arranjar a "madeirama" para a igreja nova. Conselheiro, de acordo, partiu com ele e um grupo com mais de cem jagunços. A caminhada foi feita, passando pela Fazenda Ilha, Massacará, Caboré, Junco, Várzea do Burro, Mirandela, Bendó. Chegando em Bendó, Antônio Fogueteiro, já conhecido do Sinhozinho, pois já tinha trabalhado para ele, pediu as madeiras em nome do "Bom Jesus Conselheiro", na presença deste. O Sinhozinho, se dispôs e mandou tirar. Já preparado com carpina, Antônio Fogueteiro entrou na mata para derrubar as madeiras, dentre elas uma "cumieira" de uma massarandubeira com quarenta e cinco palmos. O Sinhozinho, jeitoso, ofereceu um boi para a comida dos jagunços. Terminada a derrubada de caibos, frechais e portadas, começaram a colocar o recolhido no terreiro da casa. Prepararam a cumieira com os cambitos, dezesseis jagunços para carregar, nada. Mais jagunços, nada. Não saía do lugar. Antônio Fogueteiro foi à casa do Sinhozinho, onde estava hospedado Conselheiro, para fazer uma "consulta". - "Bom Jesus, a cumieira principal da Igreja não sai do lugar. É um peso muito grande". Conselheiro se levantou e foi para o lugar onde estava a cumieira, olhou, pegou o cajado e deu nove pancadas, três em cada ponta, três no meio e mandou os jagunços carregarem. Ficou leve a madeira. Antônio Fogueteiro contou depois ao Sinhozinho, que vinte jagunços não conseguiram pegar a cumieira até o instante em que o Bom Jesus Conselheiro lhes deu as pancadas. Quando colocaram no terreiro do Sinhozinho, foi uma "alegria danada", com "vivas" ao Bom Jesus Conselheiro. Terminado o trabalho, no outro dia cedo, viajaram com as madeiras nos ombros. "Isso o Caboclo Zé Pedro me contou". Passaram em Mirandela carregando a madeira para a Igreja. Eram os índios que levavam a madeira. Andavam nessa caminhada, agora levavam viola, pandeiro e onde dormiam faziam "aquela" festa. Amanhecendo o dia,

vijavam. "Os índios foram tudo. Foi contado o que ficou. Iam porque queriam ir, não tinham promessa". Era gente como formiga.

Quando paravam num lugar, Antônio Conselheiro começava a conversar, e o povo "encasquetava" e "ai" era "vamo", "vamo". Foi quando os índios saíram da aldeia. O pessoal ia se juntando ao grupo, "sem uma tajada de pipoca", apenas rezando. Onde chegavam, o povo dava o que comer, era naquela Santa Alegria até chegarem lá em Canudos.

Lá, estavam construindo a igreja nova, e a cada dia, chegava mais gente e as pessoas faziam suas casas. Elas eram "feitas de terra", tinha a praça, a rua da Piedade, da Caridade... e a rua dos caboclos (que era um pouco afastada). A cidade ficou grande e o governo começou a perseguição.

**Início dos combates** - O primeiro combate foi na "repartição das Imburanas". O governo mandou um batalhão com dezoito macacos e um tenente. Marcaram encontro. Do lado de Antônio Conselheiro seguiu Manoel Baixa Grande com dezoito jagunços. Escondidos, seguiram acompanhando o grupo de Manoel Baixa Grande dois índios. Manoel os descobriu e mandou que retornassem pois a ordem foi para dezoito e não vinte. Os índios disseram que não e os acompanharam com seus arcos. Quando chegaram ao local anteriormente marcado por Antônio Conselheiro, com sua "bengala" se depararam com a ordem de que não deviam passar dali pois morreriam. Os "macacos" não se encontravam. Os jagunços desobedeceram e seguiram adiante e os encontraram numa casa, desprevenidos, almoçando. Foram logo atirando e os dois índios que os acompanhavam ficaram ao lado de Manoel Baixa Grande e todo "pinote" que este dava para livrar-se das balas os índios estavam atrás. O macaco, na boca do fuzil, tinha um punhal e o enfiou num índio. O outro índio, tomou o fuzil do macaco, mas, como não sabia atirar, ficou roçando como estrovenga: "onde batia valia". Desta turma só morreu um índio<sup>5</sup>. Os macacos desapareceram.

**Na terra do "rio de leite e barrancos de cuscuz"** - "a água era água mesmo,...pedras eram pedras mesmo". Muitos índios passavam mais tempo em Canudos do que na aldeia. Vinham, faziam farinha, massa ralada e espremida, pegavam o que tinham para comer e seguiam para Canudos. "Alcansei os mais velhos contando isso". "Quando o fogo parava", as pessoas saíam para comprar comida, outras iam levar com tropas de burros as cargas de mantimentos. Mas quando acabavam os mantimentos que levavam, os índios passavam o dia caçando, viviam da raiz do cuxi e do olho da mancambira. Antônio Conselheiro tinha uma "coitezinha", ficava lá para a igreja, tinha o encarregado do serviço, o "mandão"; quando chegava uma pessoa com carga, tinha que botar na "coitezinha", era a ordem, depois dividia. Cada um trazia a sua, ali davam dois "bucadinho" para cada um, dizendo ele que o pouco com Deus é muito. Lá não trabalhavam pois a terra não dava. Os grupos saíam para trabalhar fora. Desse modo ninguém passava fome. O dinheiro da república Antônio Conselheiro não queria. Os jagunços contavam que ele mandou queimar uma bacia cheia de dinheiro. Não pegava em dinheiro da república não.

**As orações** - Todos os dias rezavam ao amanhecer, meio dia e à tardinha. O terço, rezavam todos os dias. Os índios sabiam rezar, acompanhavam, "Ave Maria". Um dia, uma cabocla velha estava dentro da Igreja rezando o Bendito (que se chamava ABC do Divino) e no momento em que dizia: "já estou no fim da vida, Misericórdia Senhor", morreu com um tiro na cabeça. Cantavam muitos Benditos, da Igreja mesmo. É também oração para Deus. Os índios tinham as rezas deles<sup>o</sup>, "imitando o Santo Ofício, mas é de índio: bendito de paca, louvado o tatu, amém teiú, para sempre cutia, para sempre caititu, amém". Na sexta feira da paixão começou a guerra. Durante a guerra era "rezando e caindo na bala".

**Os kiririzeiros "eram jagunços"** - Pedro Miguel, caboclo velho, virou Jagunço. Era um "sabido" se "envultava". Contou que um dia, estando na igreja com um "magote" de gente, deram fogo, só escapou ele em pé. Deitou no meio dos mortos até que resolveu fugir. Saiu da igreja todo sujo de sangue, saiu abaixado, procurou Zabezona e esca-

pou de lá "embrulhado" na saia dela. No caminho, só encontrava cangaço de gente. "Caveira falando: fogo, fogo". As armas deles eram daqueles que morriam, mas pegavam só a arma. Era de Canudos para a aldeia, da aldeia para Canudos, dizia, "lá tá bom". Dizia que era uma festa... era a alegria maior do mundo. Tinha também a caixa de guerra...tan, tan, tan, quando caía um, outro pegava. No quinto ano, o último "ribuliço" foi no meio da rua. Ele no meio dos mortos e chega um com um punhal furando para ver quem estava vivo, ele consegue escapar. À noite, pega as armas, entra nos piquetes, os "buracos", com as armas e aí era só derrubando gente. Os soldados procuravam mas não viam nada. Ele tinha o corpo fechado. A Zabezona, quando morreram seus pais ela saiu de lá, pegou o rumo para as caatingas. Chegando em um lugar, encontrou um "cabra" tirando leite no curral. Este chamou outros para "fazer coisa com a cabocla". Ela se deixou pegar, não podia mais correr e quando o homem se aproximou ela, que tinha uma faquinha escondida, enfiou no "bucho" do sujeito e saiu danada. Leodoro contava que quando tinha 13 anos, estava lá e foi para a primeira batalha de Uauá, tinha espingarda de socá e foíce. Mataram muita gente, "que não foi brincadeira." Pantaleão conta o verso: "nessa quadra, diz que o urubu, escreve para o Presidente, dizendo que estava com bico doce de comer carne de gente". Os índios eram todos jagunços. Novos e velhos. Quando dava aquele minuto paravam para enterrar - os mortos - depois esquentava outra vez.

**A guerra...** começou por meio minuto...um...dois...três...Os kiririzeiros brigavam a peito, ficavam nas "tocaías" de pedra de fogo. Depois do combate na "repartição das Imburanas", passados uns dias veio outro grupo. Os jagunços pegaram a fazer os "piquetes", com Manoel Baixa Grande na frente. Os macacos já vinham cansados, arrastando carroça com mantimentos, os jagunços com Manoel Baixa Grande na frente, nos "piquetes". Os macacos só iam morrer. Seu João conta... "os piquetes eram quadrinhos, bem assim, base de doze palmos. Para entrar, era como boca de forno, entrava assim por baixo". O tempo passou, começou o aperto com um homem chamado Moreira César que foi convidado a ir para o Sertão seco. "Ele era acostumado a vencer guerra" com a promessa de que com a vitória, o mesmo seria governo.

Moreira César aceitou. O governo lhe entregou um contingente de trezentos homens, armas, fardas, com o plano de ir recrutando os homens que encontrasse. Mas Moreira César tinha um espião chamado, Pajeú de Flôr, "nego do beijo virado". Este vinha na frente para "conhecer o cabeça" e depois matar, "era assim que Moreira César vencia a guerra". Pajeú chegou a Canudos. Avisaram a Conselheiro que tinha chegado um homem chamado Pajeú de Flôr e que tinha vindo a seu favor. Antônio Conselheiro pediu que trouxessem Pajeú a sua presença, pegou a bengala, bateu na coroa dele e descobriu que era contra, era um espião. Mandou a Guarda do Povo prendê-lo. Na prisão, depois de conversar com a Guarda do Povo, Pajeú deu o plano de Moreira César e decidiu ficar a favor dos jagunços. Antônio Conselheiro foi avisado, chamou novamente Pajeú a sua presença, bateu com a bengala na cabeça dele e disse: "ele agora virou o juízo, está mesmo a nosso favor". Pajeú respondeu: "Antônio, estou com dó de vocês porque o homem que vem entra mesmo". Pajeú foi então ajudado pelos pajés Kiriri que através da sua sabedoria e da "ciência" descobriram como Moreira César iria e aconselhou Pajeú a mandar flecha e tiro para a caixa dos olho daquele. As armas dos jagunços eram espingardas de caça, foice...arco. Pajeú então disse: "quero dezoito homens, com dezoito armas escolhidas por mim". Escolheu e foi para a Torre da Igreja. Disse aos homens que Moreira César ia chegar com uma casaca de bronze só com os olhos livres, montado num "cavalinho" forrado de ferro e aço. Ficaram de prontidão. Moreira César, gordo, não chamava por Deus. Tinha um compadre chamado Tamarino. "O povo todo de Canudos era na doutrina de Deus". Moreira César entrou, quando foi passando o rio, já cantando vitória, Pajeú se preparou com os companheiros e gritou: "vamos atirar nos olhos pois, outro lugar é perdido" pá, pá, pá, pá... Moreira César gritou, "acode compadre Tamarino que um babuleto me pegou nas vistas". Tocou retirada e Pajeú atacou. Moreira César e Tamarino morreram na passagem das Imburanas e foram enfiados em paus, amarrados de crauá da mata. No verão "fica a gordura pingando e molhando o chão". Chegou a notícia na "Bahia" - "Moreira César, o jagunço matou em Canudos". A mulher, que esperava que ele fosse governo, disse: "vou vencer essa guerra e desforrar a morte dele". Então, ela partiu para a América e comprou o canhão de chão. Chamava vovó. "Essa revorta

de Americano andar por aqui, e referente a essa despesa que não foi toda paga, ainda". Demorou mas chegou. Convidou então o governo de Pernambuco e marcou hora para fechar Canudos. Atravaram com a vovo de longe, pôôôô, era para derrubar a igreja e matar o povo. Não era toda hora, mas quando vinha a descarga morria muita gente. Muitos saíram. Muitos contam que os jagunços deixavam sair "corre que o beco das Imburanas ta aberto, quem não quiser morrer pode sair". **No "aperto" Pajeú, agüentando firme** com os outros... "rapaziada nós vamos brigar ate agüentar" - Policiais de todo canto, por todos os lados, ate quando ficou "acabado", "na praça o sangue chegava ao joelho". Ate os meninos com mais de 12 anos pegavam na arma. Leodoro foi ferido numa batalha com 13 anos. No meio dos mortos estava Pajeú, bala não pegava nele. Passado um dia de fome, ali deitado, entrou a policia com punhais, furando os que ainda respiravam. "Pajeú, meteu os pés e o que era de policia ele arrasou, mas eram muitos, ne. Pegaram ele e machucaram com pedra e mão de pilão e ele ficou arquejando como saruê que a gente machuca vivo". Os que saíram so tinham a vida. No fim da guerra, tinha a seca.

**Na perseguição depois da guerra, o "refrigério" da "água encantada"** - na estrada do Pau Ferro e Vargem tinha o Capitão, chamado Alcido, que matava os jagunços que vinham de cima. No Pau Ferro tinha o Pedro Gago que a mando desse Coronel matava tambem. Voltaram - "todos escondidinhos por esses matos e chegaram aqui. Ficaram escondidos muito tempo". "Dos Picos foi contado o que voltou. Não aparecia, era escondido". Índios "mansos", Ze Cili toma conta dos Picos. Ai índio não caça, é vigiado. Aproveitando a saída dos índios para Canudos, as terras desocupadas, João Ivô dos Buracos tomou posse e colocou Manoel Jatoba por empregado. Os índios que voltavam era para trabalhar a troca de comida nas próprias terras. A noticia da perseguição correu e os índios com medo iam para o Tabuleiro Grande, chamado Tabuleiro de Jeremoabo. Não tinha barreiro Quirino, tio de Zacarias estava por la. As pessoas que vinham de Canudos, com sede - Quirino dava "água encantada", ia busca-las no pe de uma arvore. Mas ninguem sabia como era. Assim não morriam de sede. "Quando chegava nos Picos tinha a campanha contra os jagunços que deviam trabalhar de

graça para João Ivo. Com o tempo, teve o "empatamento" para não perseguir mais os índios. Mas morreu uma "inquantidade" de gente. Muitos Kiriri morreram lutando, outros se espalharam pois quando voltaram a terra estava ocupada pelos brancos. "Os que voltaram foi gente pouca e foi assim que nós começou a ficar sem a terra". Leodoro, o que foi baleado passou muito tempo escondido, queriam matar ele pois era jagunço valente.

**Conselheiro ...** na agonia da guerra, desapareceu do altar. Um homem conhecido por Mancel Quadrado<sup>7</sup> estava no altar, como eles não conheciam Antônio Conselheiro, levaram foi a cabeça de Manoel Quadrado para o Governo. "O cuscuz com leite era bala. Se o cabra facilitasse recebia era o estanho". "Depois teve o perdão da guerra - qualquer revolta tem acerto, né? Todo povo obedeceu a República e ficaram como nos estamos agora. Todos vencidos. Quem fala em monarca? mas ela vem por aí, até com outro nome. Por isso tem tantas Leis". "Na década de quarenta fui a região de Canudos e disse que Antônio Conselheiro deixou escrito no cruzeiro, um vaqueiro me mostrou, o escrito lá, - Canudos ia se acabar com bala mas ia começar de novo - coisa de admirar né?

**Kaimbé, "nasci no fogo, sei contar do princípio"** - diz seu Antônio, 97 anos. As vozes afirmam "vi os mais velhos contarem", "minha avó contou e escutei direitinho". O pai de João Sabino saiu no "cerco" da guerra com oito anos, foi criado no Massacara. Maria falou de sua avó, Silvino de seus avós e pai São eles. Maria de Jesus, Maria de Catarino e sua mãe, Marculina Maria de Jesus; Uma irmã de Marculina, morreu lá, Jose de Filimina, Manoel Pereira Dias, Mariano, Marcelo, Noberto, Jose Bernadino e a mulher, André, Carlito, "tocador de gaita" e outros. Os mais velhos correram muito, com medo das tropas que iam para Canudos, na passagem por Massacara. Na Ilha habitavam muitos índios, "era cheio" tinha muitas taperas mas foram destruídas pelo Cel. Jose Americo, com "querxa" dizendo que índio era jagunço de Antônio Conselheiro. "Mas essa prova de que índio fulano ou Sicrano era jagunço e foi para Canudos brigar, essa prova não saiu". "O índio que eu sei que foi, encontrei em 39 no Sergipe, mas este foi com a força

do Governo, era chamado por Cirilo". Maria de Catarino - Foi para Canudos quando moça. Falava que Antônio Conselheiro era como se fosse um Deus. Sua mãe foi para Canudos numa dessas passagens do "madeiro" por Massacara. Morreu lá. A sua bisneta disse: "agora não lembro se foi de bala ou doença". Mas ela mesma contava que em Canudos tinha o Barracão, nele eram divididas as coisas para as pessoas. Dividiam também a carne no dia que matavam boi. Cada um tinha o Barracão certo onde pegar a comida. Ali se juntavam as pessoas. Um dia, quando estava pegando seu peso de carne, veio a descarga da peça e explodiu naquele Barracão, "sangue quente e miolo de gente ficaram no peso da carne que ela em seguida foi lavar e botar no fogo para comer". Só escapou ela e mais duas pessoas, uma delas o índio Jose de Filimina, com o qual acabou casando pouco tempo depois que saíram de lá. De Canudos os índios vieram o Alto do Mario e fazia a seguinte comparação: "você não vê uma mão de gente, os dedos todos juntos, depois, bem assim era a policia, lá em cima para da fogo". Quando a guerra "aperta" não aparece mais nada nos Barracões. Mas as pessoas teimavam em ficar, pensando que não iam morrer. Quem não morreu logo, só saiu nas últimas, quando não tinha mais jeito. Maria de Catarino, quando viu que não tinha mais jeito, decidiu sair e trazer consigo, nas costas, num ato feito por ela, sua irmãzinha de mais ou menos cinco anos de idade, que morreu já perto da aldeia.

**No princípio, Antônio Conselheiro** era homem bem casado, mas com mãe ciumenta que procurava afastar a nora dizendo ao filho que esta lhe traia. Se passou pelo amante da nora e foi morta juntamente com essa pelo filho. Em seguida ao acontecido, "os cães do inferno avoam em Antônio para levar". Este alegou que não teve culpa. Com isso, os cães deixaram-no em paz, mas em troca de cinco mil almas. "Cinco mil almas, como vou fazer?" Eles ensinaram, saia pelo mundo ajuntando gente até chegar o tanto... aí veio a guerra e ele desapareceu. Era chamado Deus Aparecido, Pai Conselheiro. Tinha prática de padre, missionário. Acompanhavam ele como quem acompanha um Santo, com entusiasmo e o maior respeito. Tinha barba grande, ninguém conseguia ver o rosto dele, era como se fosse um Santo. Vestia roupa diferente, camisolão comprido, com cinto amarrado na cintura, não era calça. Era

uma roupa solta, parecia roupa de mulher. Roupa de santo. Era calado, dizia, quando necessário, uma ou duas palavras. Agora "encasquetavam" com ele. Chegou no Massacara e "deu conhecimento" ao povo. Tinha "plano" de construir a Igreja em Canudos e "junta" o povo para tirar a madeira de Mirandela abaixo. As toras de pau eram pesadas, andavam devagar. Quando não aguentavam o peso das toras de madeira, Conselheiro batia com a bengala e elas ficavam leves e na fé iam prosseguindo. Quando davam a ele um bicho de "brinde", mandava tirar a corda e o bicho não saía do meio da aldeia de gente que ia com as madeiras, quando iam se ajoelhar a seus pés ele dizia "não faça isso que eu não sou Deus, vocês podem me respeitar com capacidade, como amigo, mas como Deus não, que não sou Deus", o fim do mundo, ele dizia como ia começar: "vai ter tempo do homem andar pelo ar, por cima de nossas cabeças; já está acontecendo desde 1939, no Massacara, viram a cruz no céu e o avião. O mundo ser cortado e um cavalo com olhos de fogo vai correr sem pé, como bola corre no chão - nós estamos vendo as estradas, os carros e com eles tantas acabação". Chamavam de Bom Jesus. Era devoto, pessoa boa, a desgraça dele foi a mãe. Para não ser castigado pegou vida de padre.

**O acompanhamento do madeiro** - "Desse centro de mundo" ia gente para Canudos, era uma multidão. Passa em Massacarã aquela procissão de gente, como formigas levando os paus para a igreja. Já vinha do Bendó, lá tinha um Baixão, o Baixão do Bendó. A dona era Umbilina, muito rica. Chamava sinha do Bendó. De lá vem a cumieira da Igreja. Quando iam levando estas toras chamavam madeiro. Tinha acompanhamento com zabumba. Quando pesava, Antônio Conselheiro batia e era só dizer "pode arriba". Era como o acompanhamento da "primeira noite dos caboclos"<sup>18</sup>, quando vai buscar a bandeira. Só que naquele tempo ninguém bebia. Pelo caminho parava e fazia a comida nas horas certas. "Mas era no acompanhamento rezando o Bendito". Um dos Benditos era "A Virgem Senhora da Piedade", mais do jeito do Antônio Conselheiro. "As vezes, quando estamos numa reza que canta, alguém diz: era o Bendito do Conselheiro". Carlito, nas andanças, era tocador de gaita. Fizeram esta caminhada não foi só uma vez não. Vinha do Bendó, Baixão terrível, ao redor só tinha índio, Mirandela, Massacarã

Canudos... muitas léguas. Iam e voltavam até construir a igreja. "O certo é que ela foi feita". O padroeiro Santo Antônio.

**Corre a notícia do "rio de leite e uma serra de cusuz"** - muitas pessoas, "uma imensidade" de gente, ia para Canudos. As pedras viravam pão e a água do rio leite. Comida não faltava, levavam os sacos de farinha feita nas próprias roças e tocavam para Canudos com carga na cabeça, tropa de burro ou jegue. Iam comer lá. "A comida era por conta do Conselheiro, o povo era assombrado - esse homem é Deus, fazer um trabalho desse, dá comida a tanta gente!" A vida era um giral de pau, panela de barro, "alpercata" de couro e roupa velha. "Dinheiro não tinha, não usava". Quando adoecia um, ele era só chegar e benzer. Em Canudos iam ter comida e salvação. A avó de "Seu" Silvino, se não fosse para Belo Monte ver as "alpracata" de Antônio Conselheiro não se salvaria. Prepara o "surrãozinho" de feijão e farinha e parte. Lá morre em paz. Lá, muitos morreram de febre "braba", "sei de um que morreu largano o cabelo da cabeça", "desintéria".

**A guerra começou ...** O governo deu contra porque Antônio Conselheiro queria construir uma cidade como dele, é quando não podia, aí começou a briga... mataram muitos e se armaram. Nas primeiras batalhas, a vitória era sempre de Antônio Conselheiro. A arma do Jagunço era cravinote "como se diz, a cachorro de puxar e bater na espoleta", era espingarda de pedra tiro garantido e certo, era essa a arma dos antigos. Apareceu o Coronel Moreira César, esse era corajoso, terrível, mas chegou em Canudos, foi baleado e tem o verso: "Capitão Moreira César, olhos de cana caiana, toma bala em Canudos, veio morrer nas Imburanas". Ele, quando entrava na água, abria o corpo: jagunço sabido, aí matou. Antônio Conselheiro e os jagunços conseguem vitória até o governo conseguir a "peça" - arma forte para vencer os jagunços. A bala, da "peça" do canhão, contam, que pesava mais de cinco quilos. Era feita de cabeça de prego e cacos de vidro. Onde batia arrasava.

**O Coronel José Américo** - morava na região de Massacarã, vivia da Fazenda Ilha para a do Olho D'água do Meio, perseguindo índios e outros que passavam por Massacarã a caminho de Canudos, até

bloquear definitivamente esta passagem. Antônio Conselheiro, sabendo das perseguições e do bloqueio da estrada pelo dito Coronel, conversou com João Abade e este com Pajeú: "Pajeú, se arme e vá ao Massacará prender o republicano José Américo, pois ele é contra o Bom Jesus Conselheiro, pegou jagunço, dizem que mandou matar para não vir para Canudos. Bloqueou a estrada e o povo em vez de vir por Massacará e entrar aqui para o Rosário, com esse bloqueio, tem que dar volta, passar por Mirandela, Buracos, dá um "arrodeio" danado, pega o tabuleiro, sai no Cocorobó para virem pra cá. Traga esse Coronel a presença do Bom Jesus". Ainda disse: "dê uma lição nele pois está causando muito mal ao povo que vem pra cá". Quem foi para Canudos, foi e não voltou. Em Massacará tinham medo do Coronel José Américo. Ninguém abria a boca para dizer que ia para Canudos, tinham medo. O povoado de Massacará era ponto de apoio do governo e de lá o dito coronel abastecia a força. Pajeú seguiu viagem para Massacará, pernitoitou na fazenda Serra Branca e seu proprietário Zé Nascimento, compadre do Coronel, ficou sabendo que iam atrás do mesmo. Mais que depressa, disfarçando, Zé Nascimento mandou seu filho Justino, na calada da noite, ir avisar ao Coronel na "Ilha". Como ele não se encontrava, avisou ao vaqueiro Ladislau e este imediatamente partiu para a fazenda Olho D'água do Meio. Avisou-o que Pajeú estava vindo para prendê-lo e levá-lo para Canudos à presença do Conselheiro e o aconselhou a não deixar nada nas roças, tocar fogo em tudo. Ele meteu os pés, levantou, acordou os filhos e foi um arruma, arruma, tirou tudo da casa, escondeu numas tocas que tinha, não ficando nada dentro de casa. Soltou o gado na caatinga e fugiu para o Boqueirão, correndo da "cabroeira". Na fazenda "Ilha", não encontrando o Coronel, Pajeú tocou fogo na casa, no curral, nas cercas. Seguiram os jagunços com Pajeú para a Fazenda Olho D'água do Meio, de onde o Coronel também já havia fugido. Procuraram a Velha Duquesa, ex-escrava, esta deu a notícia de que ele teria ido embora para Tucano. Na casa desta fazenda só deixaram as imagens dos Santos. Pajeú destruiu a casa, mas deixou um quarto intacto para colocar os Santos na parede. O resto, incendiaram tudo, casas, cercas, currais, tudo foi destruído. Ai, quando terminaram, chamaram a Duquesa e lhe avisaram que livraram um quarto por causa dos Santos. Depois disto, José Américo viajou para Salvador onde obteve apoio do governo do

estado que lhe forneceu um contingente de vinte homens armados sob seu comando. "Ai agora o jagunço que atravessava estava morto". Ganhou patente de Comandante, mas ele "era testa de ferro" das autoridades. Com essa autoridade ele saiu "catando" o pessoal, culpado ou não. Tocava fogo nas "taperas". Para não morrer os índios "debandaram" pelo mundo. Hoje, ainda tem ai os torrões das casas.

**... no fim da guerra...** Conselheiro desapareceu. Ninguém dá notícias. Outros fazem referências ao testemunho de Manoel Macambira, contando que ele morreu numa explosão da "peça", num canto da igreja. A parede caiu por cima. Com a "peça" (também chamada matadeira), logo que deram o primeiro fogo, derrubou parte da igreja por cima das pessoas. Com essa coisa preparada, era só apontar para a igreja, pois os jagunços, faziam o "apadrinhamento" deles era na igreja. Achavam que dentro dela nada acontecia. "Os índios do Massacará era só escutando o ronco da peça, com ela só escapou quem correu". No "cerco", não podiam mais entrar com comida. Morreram de fome. Vencida a guerra, o Coronel José Américo condenou os índios. "Mas os índios viviam nos grupião". "Nunca vi dizer que índio fulano foi lá". Com essa "queixa", ele destruiu tudo e "arribou" com todos os índios acusando de jagunço e "dá de conta da caboclada, caboclo corre pelo mundo - sobram poucos por aqui". "Tem caboclo daqui espalhado por esse mundo todo". A Ilha, José Américo, tomou conta dessa "quadra em diante". E até hoje, o Ari está dentro dela. O "esvaziamento" foi da guerra para cá. Essa guerra mexeu com meio mundo, caboclo correu, mexeu com muitos Estados. A "peça" veio da Alemanha. Hoje, o dinheiro que o "Brasil" deve, diz que é dessa peça - que veio para ser paga em ouro, não tinha mais, ai ficou sem "durda" para pagar a "prêmio", "via o povo contar, mas não era daqui não, era de longe". No fim, o "rio era sangue do povo e a serra de cuscuz era o pessoal arrumado enriba uns dos outros, foi isso que aconteceu".



## Considerações finais

Depoimentos de não índios apontam também para a participação dos índios Tuxá de Rodelas, tendo Manoel Quadrado como "chefe". Este, em Canudos "tratava de ferimentos, dava remédio, rezava dores, ficou como se diz, médico, ele era menzinheiro, "curador dos baleados". Natuba<sup>9</sup> "alimpou". Os índios de Natuba pelos relatos, foram em massa para Canudos. "As rezadeiras de lá eram muito boas, chega retombava", "Francisca era de lá, ganhou até um rosário do Conselheiro e andava com ele no pescoço...". Os depoimentos abordam modos completamente diferentes no relatar a participação em Canudos. Os Kiriri, apesar de compreenderem o grau de perda que tiveram como povo, contam com orgulho que o primeiro a morrer foi um índio. Os índios tinham em Canudos sua rua e também suas rezas. Os pajés usavam a "ciência" para a defesa de Canudos. Entre os Kaimbé, uns assumem a ida para Canudos, outros não. Esta atitude é explicada por eles mesmos quando atentam com detalhes para a ação de terror implantada pelo Coronel José Américo antes e depois da guerra. A caminhada para pegar a madeira eram sublinhada como momentos fortes em que a comunidade canudense mostrava o seu fervor e fê e ao mesmo tempo, a cada dia, a eles se juntavam mais pessoas. Alguns depoimentos indicam também que havia simpatizantes que não querendo ir para Canudos ajudavam um pouco pela estrada com as madeiras: "carregavam um pouco e depois voltavam para suas casas, não iam para Canudos não". Como diz Zacarias, era uma santa alegria. A questão da divisão da comida é sublinhada pelos dois povos, "...homem dá comida a tanta gente". A fome existia, mais na guerra. Relatam que nas imediações de Canudos as terras não serviam para o plantio, as pessoas buscavam trabalho fora ou iam buscar nas suas áreas de origem o essencial - COMIDA.

## NOTA:

2. Os Kiriri - localizados no município de Banzaê, povoado de Mirandela, apresentam uma população distribuída em núcleos próximos a esse povoado, sede da missão jesuíta que ali os reuniu no final do século XVII (Leite, 1945). Com a eleição do Cacique Lázaro Gonzaga de Souza, em 1972, inicia-se um trabalho de reorganização. Preocupados também com a perda das tradições buscam, junto aos Tuxá de Rodelas, ajuda para "assentar" o trabalho do Toré e a "ciência" com fé nos "encantados" (seres sobrenaturais de papel destacado no conjunto de crenças Kiriri).

3. Os Kaimbé - no Sertão, município de Euclides da Cunha, povoado de Massacará. Habitam em núcleos, tendo como centro da aldeia o povoado de Massacará. Desde 1866 Camello de Souza Velho e José Américo, já encabeçavam acirrado cerco sobre os índios, inclusive recrutando-os à força com a opção de irem para os campos de batalha no Paraguai ou trabalharem de graça para Camello. Em 1873, esta aldeia chega ser considerada extinta pelo Diretor Geral dos Índios sob pretexto de ali não existir quantidade suficiente de índios que justificasse a existência da mesma. Na região, destaca-se o Coronel José Américo que tem ampla participação nos acontecimentos relativos à guerra de Canudos e como acirrado perseguidor de índios. A tradição oral dá conta do estado de penúria em que se encontravam os índios, utilizados como mão-de-obra em suas próprias terras. A partir de 1940 que os Kaimbé começaram a movimentar-se em busca dos seus direitos, com o importante apoio do Pe. Renato Galvão e em 1949, é implantado o Posto Indígena Kiriri, com responsabilidade, também, de atender aos Kaimbé. Oito anos depois, em 1957, é implantado um Subposto em Massacará.

4. Bendó: área de mata, ao sul de Mirandela

5. Segundo os Kiriri, primeiro sangue derramado é índio.

6. Esse relato demonstra que para os Kiriri de hoje apesar de conhecer as orações que a igreja ensinava: estes tinham uma forma própria ligada a suas origens culturais.

7. Manoel Quadrado: segundo vários depoimentos de não índios é Pajé dos índios Tuxá de Rodelas. Euclides da Cunha (1975) em sua caderneta de campo refere que este morreu em 22 de setembro de 1897.

8. Primeira noite dos caboclos - Os Kaimbés, como costume, também prepararam com zelo a primeira noite do novenário da festa da Santíssima Trindade, sendo o ponto alto "o ritual da bandeira" que implica em preparar "um mastro de madeira e dois ramos de liculizeiros" que são arrumados com esmero e, no dia da primeira noite, antes de escurecer, esse mastro é elevado com acompanhamento de zabumba para a frente da igreja, onde é hasteado até o final das festividades.

9. Hoje, Nova soure.